

# Viajando para casa: redefinições da Heimat e da identidade na obra de Richard Katz

Méri Frotscher\*

**Resumo:** O artigo analisa livros que Richard Katz, jornalista e escritor alemão, natural de Praga, conheceu pelos seus livros de viagem, escreveu sobre o Brasil entre 1931 e 1950, buscando apreender como a sua idéia de Heimat (pátria) neles aparece e se transforma. Outro objetivo é perceber a reconstrução de sua identidade ao longo desse período, quando viveu na Alemanha, Suíça e como exilado no Brasil.

**Palavras-chave:** Richard Katz; exílio; literatura

**Abstract:** This article analyses books which Richard Katz, German journalist and author from Prague, well known because of his travel literature, wrote on Brasil from 1931 to 1950, perceiving how his idea of Heimat (native country) appears and transforms in these books. An other objective is his reconstruction of identity while he lived in Germany, Switzerland and in his Brazilian exile.

**Keywords:** Richard Katz; exile; literature

“Das ist das Buch einer Heimreise”<sup>1</sup>  
(KATZ, *Zickzack durch Südamerika*, 1931, p. 5)

“Ich brauch keine Heimat - mir genügt ein Zuhause”<sup>2</sup>  
(KATZ, *Wandernde Welt*, 1950, p. 120).

Os livros de Richard Katz (1888-1968), escritor de língua alemã mais conhecido pelas suas obras de literatura de viagem, trazem elementos interessantes para um dossiê sobre cultura e identidades nas relações Brasil - Alemanha. Neste artigo vamos analisar, nos livros que ele escreveu sobre o Brasil, como sua *Heimat* se reflete e como ela se transforma, em razão das mudanças históricas e de sua própria biografia. *Heimat* é uma noção importante para Richard Katz. Em sua obra, a palavra não pode ser compreendida apenas como pátria, lugar de origem, num sentido geográfico ou nacional, mas também como um espaço cultural transcendental.

Em relação às obras que se referem ao Brasil, podemos diferenciar três fases: 1) o contexto da crise de 1929, quando esteve na América do Sul e, assim, no Brasil; 2) o contexto da Segunda Guerra Mundial, quando emigrou para o Brasil; 3) o contexto da Guerra Fria, quando ainda morava no país.

Partimos do pressuposto de que ao descrever outro país, o autor segura conscientemente um espelho ao público-leitor de língua alemã na Europa. Este recurso não é novo. Já Tacitus, em sua *Germania*, citada pelo próprio Katz, lançou um olhar crítico sobre sua própria sociedade ao descrever os germanos.<sup>3</sup> Sob esta perspectiva, compreendemos que seus livros sobre o Brasil estabelecem um diálogo com sua sociedade e cultura de origem.<sup>4</sup>

Sua literatura de viagem é considerada uma das mais lidas entre o final dos anos 20 e os anos 40. Um velho descendente de alemães no Brasil indicou-nos um de seus livros, o que nos despertou interesse em ler mais obras suas.<sup>5</sup> Seus livros proporcionam uma interessante e multifacetada visão de mundo e expressam idéias que hoje<sup>6</sup> ainda são tema de discussão.

Foge aos objetivos deste artigo seguir um debate sobre o caráter literário da sua obra.<sup>7</sup> Consideramos seu estilo levemente irônico, convidativo e, ademais, descabidas e infrutíferas as tentativas de classificar suas obras em “literatura trivial” ou “grande literatura”. Mais importante nos parece, enquanto historiadora,

\* Professora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Email: [merifr@unioeste.br](mailto:merifr@unioeste.br)

<sup>1</sup> A frase pode ser traduzida como “Este é o livro de uma viagem de volta à pátria” ou também “(...) de volta para casa”. Esta e as demais citações de livros em alemão foram traduzidas pela autora.

<sup>2</sup> “Eu não preciso de uma pátria – me basta um lar”.

<sup>3</sup> Katz cita *Germania* em conexão com o tema sexualidade. KATZ, Richard. *Wandernde Welt. Drei Geschichten von Mensch und Tier*. 2. ed. Zürich: Fretz & Wasmuth Verlag AG., 1951 (copyright 1950), p. 283.

<sup>4</sup> Aproximamo-nos da perspectiva de Edward Said, autor que buscou compreender como o contato europeu com o Oriente influenciou a auto-consciência da Europa e dos europeus. SAID, Edward W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>5</sup> Foram consultados os seguintes livros do autor: *Zickzack durch Südamerika*. Schnaps, Kokain und Lamas. Erlenbach-Zürich und Leipzig: Eugen Rentsch Verlag, 1935; *Mein Inselbuch*. Erste Erlebnisse in Brasilien. Erlenbach-Zürich: Eugen Rentsch Verlag, 1950; *Begegnungen in Rio*. Erlenbach-Zürich: Eugen Rentsch Verlag, 1945; *Seltsame Fahrten in Brasilien*. Erlenbach-Zürich: Eugen Rentsch Verlag, 1947; *Auf dem Amazonas*. Stuttgart: Stuttgarter Hausbücherei, sem indicação de data de publicação; *Wandernde Welt*, op. cit.

<sup>6</sup> LISBOA, Karen. Visões alemãs sobre as mulheres brasileiras. *Institut Martius-Staden Jahrbuch*, São Paulo, n. 51, p. 51-75, 2004; Idem, Viajantes de língua alemã no Brasil: visões sobre a diversidade étnica e a “questão racial” (1893-1942). *Institut Martius-Staden Jahrbuch*. São Paulo, n. 50, p. 107-141, 2003 e DEWULF, Jeroen. *Brasilien mit Brüchen*. Schweizer

unter dem Kreuz des Südens. Zürich: Neue Zürcher Zeitung, 2007.

<sup>7</sup> Kurt Tucholsky salientou, em resenha sobre *Bummel durch die Welt*, a não importância dessa discussão e a qualidade da obra. *Vossische Zeitung*, 27.11.1927. Disponível em <http://www.textlog.de/tucholsky-bummel-welt.html> Apesar disso, ainda hoje o estilo de Katz é motivo de divergências entre estudiosos da literatura. Conforme Dewulf, Izabela Kestler caracteriza de maneira depreciativa a obra de Katz e Dietrich Briesenmeister a classifica como “literatura trivial” e “folhetinesca”. Se, de um lado, o autor critica tal injustiça feita a Katz, de outro caracteriza seu estilo como antiquado e sabichão (*besservisserisch*). DEWULF, Jeroen. *Op. cit.*, p. 241; 196.

<sup>8</sup> *Ein Bummel um die Welt*, por exemplo, foi publicado por quatro editoras. Conforme o catálogo da Editora Eugen Rentsch, foram concedidas sete licenças para a tradução deste livro.

<sup>9</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 198.

<sup>10</sup> Sérgio Cardoso, retomando Merleau-Ponty, diferencia o mero ato de ver do olhar: “O olhar pensa; é a visão feita interrogação”. CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Aduino (Org.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 349.

<sup>11</sup> Sobre a noção de “transculturização” ver PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império*. Relatos de viagem e transculturização. Tradução de Jézio Gutierrez. Bauru: EDUSC, 1999.

<sup>12</sup> Sobre a noção de “zona de contato” ver PRATT, op. cit.

<sup>13</sup> BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. De Lima Reis; Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 20.

<sup>14</sup> HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n. 24, 1996, p. 68.

<sup>15</sup> Muito embora seus livros não possam ser tomados como biografias, indicam elementos auto-biográficos. A narração em primeira pessoa é característica dos livros consultados.

percebermos como se pode trabalhar temas e processos históricos a partir da literatura. As obras de Katz são apropriadas para tal, pelo fato dele ter escrito durante um longo período. Em 1927 foi publicado seu primeiro livro de viagem, *Ein Bummel um die Welt* (Um passeio pelo mundo). Os diferentes gêneros literários publicados pelo autor mostram a diversidade de sua obra: de livros de viagens a livros sobre cães, jardim, natureza, sua concepção de mundo, tendo escrito inclusive um romance auto-biográfico e um romance policial. Em 1968, quando completaria 80 anos, apareceu uma edição comemorativa, com prefácio de Erich Maria Remarque. A alta tiragem, as diversas edições e traduções de seus livros mostram a boa recepção e circulação de sua obra.<sup>8</sup>

Seus livros de viagem não pretendiam ser guias de viagem. Para ele, o caminho era mais importante que o destino. O autor procura levar o leitor, a partir do “saber das terras distantes”, a refletir sobre imagens, idéias e questões contemporâneas. Walter Benjamin, ao escrever sobre a arte de narrar, a descreve como a “faculdade de intercambiar experiências”, associando-a, por exemplo, ao narrador do tipo “marinheiro comerciante” que narra o “saber das terras distantes”.<sup>9</sup> Tal intuito percebemos nos livros de viagem de Richard Katz. As viagens e o contato com a alteridade enriqueceram as suas experiências e o capacitaram a olhar de maneira interrogativa<sup>10</sup> seu lugar de origem. Seus livros encerram também uma intenção instrutiva, na medida em que expressam seu aprendizado no contato com o outro. Assim ele realiza uma auto-revisão de sua cultura e também de si mesmo. Ao longo de sua obra, percebem-se mudanças de posicionamento e um processo de “transculturização”, pois sua narrativa é construída a partir de elementos advindos da observação e da experiência com os outros.<sup>11</sup>

Portanto, outro objetivo deste artigo é perceber como o autor é reconstituído enquanto sujeito através de suas relações com a alteridade, neste caso, o Brasil. O Brasil é entendido aqui como fronteira em que se articulam diferenças culturais, como “zona de contato”<sup>12</sup> produtora de “entre-lugares” em que se elaboram novas subjetividades. Segundo Homi Bhabha, os “entre-lugares” são “momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais”. Eles “fornece o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade”.<sup>13</sup>

Através da obra de Richard Katz procuramos analisar a problemática da reconstrução de identidade, entendida como uma “produção”, no dizer de Stuart Hall, “que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação”.<sup>14</sup> Sua obra é um convite à reflexão sobre a percepção subjetiva de processos históricos.

Seus livros se referem a diferentes fases da história, as quais influenciaram intensivamente a obra e a própria vida do autor. Eles constroem um retrato vivo dos acontecimentos e dos processos históricos: no período que nos interessa, a Alemanha viveu a República de Weimar e suas crises, a ditadura nazista, a Segunda Guerra, depois a divisão do país. O Brasil passou pela “Revolução de 1930”, o populismo, a ditadura do Estado Novo, a “redemocratização”.

Compreende-se melhor sua obra se conhecermos elementos de sua trajetória, que podem ser extraídos de seus próprios livros.<sup>15</sup>

## Richard Katz: vida e obra

Katz nasceu em 21.10.1888 e cresceu como alemão em Praga, onde viveu até os 25 anos de idade. Depois se mudou para a Alemanha, onde obteve a cidadania alemã. Já durante seus estudos de Direito, começou a escrever para jornais. Trabalhou para a *Vossische Zeitung*, conseguiu um emprego na editora Ullstein, de Berlim, e foi diretor de uma editora em Leipzig. O sucesso financeiro proporcionado pelo seu trabalho o possibilitou dedicar-se totalmente à literatura de viagem. Assim pôde “passear” (*bummeln*) pelo mundo, na primeira classe, sem muitas preocupações, resultando em livros de sucesso, como *Bummel um die Welt* (Pas-

seio pelo mundo). Em 1930, na sua segunda viagem pelo mundo, prolongou seu retorno à Europa, viajando um ano pela América do Sul, o que resultou no livro *Schnaps, Kokain und Lamas: Kreuz und quer durch wirres Südamerika* (Cachaça, cocaína e lhamas: em todas as direções pela confusa América do Sul).<sup>16</sup> De volta à Europa, em 1931, Katz mudou-se para a Suíça. Natureza e tranquilidade lhe eram preferíveis ao agito da metrópole. Em todo caso, em 1933, quando ascendeu o nazismo ao poder, Katz não morava mais na Alemanha e pôde viver no exílio sem problemas financeiros, ao contrário de outros intelectuais e pessoas de origem judaica, como ele, que, quando não puderam partir, tiveram que temer inclusive pela vida. Nos livros consultados, contudo, não foi realçada uma ascendência judaica.

Em 1941 deixou a Suíça voluntariamente,<sup>17</sup> e emigrou através da França de Vichy, Espanha e Portugal, para o Brasil. Se ele teve a possibilidade de escolher ou não o Brasil, não temos informações, mas nesta época poucos emigrantes tinham possibilidades de escolha. O Rio de Janeiro certamente lhe agradava muito. Quando visitou a cidade, em 1931, a havia elogiado enfaticamente: “Mas que cidade! Se uma metrópole, então assim!”<sup>18</sup>. Ali ele escreveu, em 1941, *Mein Inselbuch*, livro de forte apelo auto-biográfico e, também, aquele com mais elementos característicos da literatura de exílio; em 1942, *Begegnungen in Rio* (Encontros no Rio); em 1944, *Seltsame Fahrten in Brasilien* (Viagens estranhas no Brasil) e, em 1946, *Auf dem Amazonas* (Sob o Amazonas). Todos foram publicados somente depois da Segunda Guerra Mundial pela Rentsch Verlag. *Mein Inselbuch* foi publicado somente em 1950. Ainda no Brasil, escreveu *Wandernde Welt* (Mundo em movimento), publicado em 1950. Katz obteve a cidadania brasileira, mas voltou para a Suíça em 1956. Os livros surgidos após a guerra dificilmente se enquadram no gênero literatura de viagem. Em 1968 Katz morreu, poucos depois de completar 80 anos, em seu querido lar, próximo de Locarno.

## A Alemanha como “Heimat”

Em *Zickzack durch Südamerika*, Richard Katz explica porque visitou a América do Sul, na sua viagem de volta à Europa: “Poucas coisas agradáveis me aguardavam na *Heimat*. Mas no outro lado do mundo um continente, cujo conhecimento é condição para uma visão ordenada do mundo, me atraiu a me demorar.” Para o autor, o continente não seria “apenas um apêndice insignificante da mais energética e propagandística América do Norte [...]”, seria “mais do que território colonial sob administração própria”. (p. 5)

Neste contato com a América do Sul, o autor descreve especificidades de países que visita (Peru, Equador, Chile, Argentina, Brasil) e assim também de colônias e estabelecimentos dirigidos por alemães, nosso interesse nesta análise.

Em geral, o autor apresenta uma imagem positiva dos alemães. Isto não impede que indique o fracasso de alguns. Também não representa a vida do colono na floresta de forma romantizada, mas os alemães frequentemente são representados como os únicos capazes de transformar mata virgem em terras produtivas. Mesmo na miséria e frustrado por um projeto de colonização que atirava imigrantes iludidos na selva distante, assim afirma um imigrante alemão, envelhecido pelo trabalho: “Alemães [...] E quem mais se disporia a desbravar esta floresta?” (p. 69) O autor deixa o mesmo personagem advertir o leitor em relação a uma expectativa romântica da imigração: “Eu vim por causa deles... Borboletas, floresta e faroeste...” (p. 70). Também noutras passagens o autor procura advertir os desejosos de emigrar para a América do Sul dos perigos da propaganda de empresas de emigração. Para ele, não bastaria vontade de trabalhar. O imigrante deveria ter conhecimento técnico e prático na área da agricultura e compreensão nas relações humanas. Pano de fundo para tais advertências era a então onda de emigrantes rumo à América do Sul, desiludidos com a crise econômica vivida na Alemanha.

<sup>16</sup> A primeira versão do livro foi publicada com este título pela editora Ullstein de Berlim. A edição publicada em 1935 pela Editora Eugen Rensch, de Zurique, a qual tivemos acesso, saiu com outro título: KATZ, Richard. *Zickzack durch Südamerika*. Schnaps, Kokain und Lamas. Erlenbach-Zürich und Leipzig: Eugen Rensch Verlag, 1935.

<sup>17</sup> Quanto aos motivos de ter deixado a Suíça, é provável que o autor os tenha expressado de maneira eufemística, para não externalizar uma pressão exercida pelas autoridades do país.

<sup>18</sup> KATZ, R. Op. cit, p. 234.

Os alemães são tidos como exemplares e superiores em relação aos nativos, no que se refere ao trabalho, organização, efetividade, higiene e limpeza. O autor se identifica com os conterrâneos visitados no Peru: “Mas que pessoas capazes e encantadoras [...] mantêm ordem e limpeza [...] Criaram um lar aqui, no qual também o estrangeiro se sente em casa” (p. 68). Essa idéia aparece de forma mais enfática quando se refere a uma padaria alemã no Equador. A padaria é tão limpa que serve de modelo para a vigilância sanitária (p. 120). “Onde, senão aqui, nossos funcionários deveriam aprender?”, comenta um funcionário público local (p. 120). Mas não apenas apresenta a imagem de uma superioridade da cultura européia; noutra momento do livro, são os europeus que deveriam aprender dos sul-americanos, tamanho havia sido o cavalheirismo e cortesia dos funcionários da aduana na fronteira do Chile com a Argentina. (p. 209).

Seu orgulho nacional e pensamento conservador também está presente no subcapítulo “Sich verhiesigen”<sup>19</sup>, que trata da estória de um imigrante alemão fracassado que pede trabalho numa pensão alemã. O hospedeiro primeiro lhe dá de comer e depois se desenrola uma discussão entre outros alemães sobre a adaptação ao país, avaliada negativamente. O fato do pedinchão misturar espanhol e alemão faz logo o hospedeiro julgar: “Adaptado. Não presta mais” (p. 128). Não é o fracasso como imigrante que é decisivo para o julgamento, mas o fato de ter se adaptado ao país. Noutra momento, o autor deixa outro personagem dizer: “[...] Se nós deixarmos de ser Gringos, nos desleixaremos” (p. 129). Percebe-se aqui, como em outros momentos, que o autor utiliza os personagens para expor diferentes pontos de vista e iluminar sob diversas perspectivas as situações e temas que aborda. Ao final, contudo, o pedinchão vai embora furtivamente sem dar contrapartida e, desta forma, o autor acaba expressando a idéia de que os ressentimentos existentes eram legítimos.

Dos países visitados, o autor se agrada mais do Chile, visto como país ordeiro, e nisto se refere não apenas aos chilenos, mas também aos alemães e às suas colônias. Ele elogia a formação de povoações robustas em Valdívia, onde se encontraria uma germanidade sedentária (“selbsthaftes Deutschtum), arraigada à terra (“dem Boden verwurzelt”), autônoma economicamente (p. 168-9). Viver do seu próprio solo, independentemente da bolsa de valores – mais um assunto que ele trata frequentemente<sup>20</sup>, o qual, diante da crise de 1929, atingia diretamente seus leitores - lhe pareceria preferível a viver em muitas autênticas cidades da pátria alemã.

A política do *Deutschtum* durante a República de Weimar, segundo Stefan Rinke, atribuía aos *Auslandsdeutsche* (alemães nascidos no exterior) a função de mola mestra da nova ascensão da Alemanha como força mundial e como compensação dos instrumentos políticos de poder que haviam sido perdidos.<sup>21</sup> A forma como Richard Katz descreve os *Auslandsdeutsche* confirma esta tese. Mas de maneira diferenciada, o autor lamenta a utilização dos *Auslandsdeutsche* nos debates políticos na Alemanha: “quem sabe disso sabe a bagatela que a política partidária significa nas bordas da floresta virgem e certamente também reconhece que pessoas como essas aqui são a melhor propaganda para a Alemanha” (p. 69). O papel que Katz atribui aos *Auslandsdeutsche* na América do Sul é o de um exemplo para a Alemanha, então em crise. Aconselha assim os alemães que desconheciam a realidade e as dificuldades dos *Auslandsdeutsche*: “Deve-se falar menos e olhar mais” (p. 68-69). Talvez por isso o autor expresse seu interesse em ver com seus próprios olhos algumas experiências colonizadoras.

O Brasil foi o último país visitado, depois da capital argentina, que não tinha agradado ao autor. A descrição do Brasil é restrita ao Rio de Janeiro. Os brasileiros são representados de uma forma extremamente positiva, como pacíficos, confiantes, solidários e que se dão bem com todo mundo. O autor chega a afirmar a inexistência de preconceitos raciais: “aqui um casa com o outro, e isso faz a vida muito mais agradável” (p. 249).

Katz não se refere aos *Auslandsdeutsche* quando descreve o Brasil. Mas no final do capítulo, percebe-se claramente que ele se dirige ao leitor alemão. Compa-

<sup>19</sup> O verbo reflexivo “sich verhiesigen” não se deixa traduzir literalmente. Significa tornar-se como os do país, num sentido negativo.

<sup>20</sup> Nesta e em outras obras, como *Drei Gesichter Luzifers* (1934), a bolsa de valores é responsabilizada pelos grandes problemas da humanidade.

<sup>21</sup>RINKE, Stefan. *Der letzte freie Kontinent. Deutsche Lateinamerikapolitik im Zeichen transnationaler Beziehungen*. Stuttgart, Heinz. 1996.

ra a crise, o desemprego e o mercado de trabalho no Brasil com a situação na Alemanha. Dá razão para a legislação brasileira que havia restringido o número de estrangeiros empregados em firmas. Lembra o seguinte aos críticos dessa lei na Alemanha, os quais viam na emigração de desempregados para o Brasil uma válvula de escape: “pois em nossos empregos nós nem podemos mais deixar entrar estrangeiros” (p. 251). E afirma que o Brasil estaria prestes a explodir numa revolução que correria “provavelmente numa direção errada” (p. 251). Mesmo que ele percebesse a situação “pouco agradável” da Alemanha, parece que não imaginava que em seu próprio país os acontecimentos pudessem ocorrer “numa direção errada”.<sup>22</sup>

A utilização do pronome “nós” mostra que o autor se enquadra entre os alemães. Sua forte ligação emocional com a Alemanha, revela-se em comentário sobre notícia jornalística, lida ao acaso, sobre os mais de 4,3 milhões de desempregados naquele país, em janeiro de 1931: “Uma dor [...] e uma saudade me arrebataram de tal forma, que eu queria ter chorado (...) eu tenho que voltar minhas lembranças até a morte do meu pai, [...] se eu quiser me recordar de um instante, em que tamanha tristeza me pegou” (p. 144). No poema *Auf dem Atlantik*, ao final do livro, o autor expressa novamente forte apreensão em relação à situação econômico-social da Alemanha: “Três anos são muito tempo, e muita coisa aconteceu, muita greve e desemprego – e a *Heimat*, em relação a qual eu me alegro tanto, como vou revê-la?”.

A Alemanha como *Heimat* aparece já na primeira linha do prefácio do livro, que apesar de descrever a viagem pela América do Sul, é definido assim: “Das ist das Buch einer Heimreise”.<sup>23</sup> Após três anos de viagens pela Ásia e América do Sul, o autor expressa a busca pela sua *Heimat*. Este sentimento de identificação, entretanto, não o impede de deixar a Alemanha logo após seu retorno e mudar-se para a Suíça, onde também achou um lar.

O que o autor buscava a partir das viagens, junto com seu leitor, expressou assim, em poema ao final do livro: “Nós queríamos compreender povos estrangeiros/E não apenas acreditar que nós somos os capazes [...] Desta maneira nós vimos muito e aprendemos muito [...] E chegamos mais modestos a nosso destino/Pois algum preconceito perdemos”.<sup>24</sup> Katz compartilhava suas viagens e pensamentos com o leitor de língua alemã, daí utilizar frequentemente o pronome “wir” (nós).

Mas, em que pese este posicionamento e o olhar crítico em muitas passagens, o autor é o europeu que compartilha valores e modos de vida europeus. Ressalta a superioridade cultural do europeu, especialmente o alemão, e expressa um sentimento de pertencimento e identificação com os alemães.

## O exílio: a Europa como a “geistige Heimat”

O exílio permite a Richard Katz aprofundar seu olhar sobre o Brasil e desfazer algumas primeiras e equivocadas impressões. Durante este período o autor escreveu quatro livros sobre o Brasil, *Mein Inselbuch*, *Begegnungen in Rio* e *Seltsame Fahrten in Brasilien* e o livro *Auf dem Amazonas*.<sup>25</sup>

*Mein Inselbuch* é o primeiro, muito embora tenha sido o último a ser publicado – o livro foi escrito em 1941 e publicado somente em 1950.<sup>26</sup> Katz comenta sobre a concepção da narrativa deste livro: “O Brasil é tão grande quanto um continente [...] Por isso utilizei o método indutivo para este livro: a observação de um detalhe, que permite conclusões sobre o todo” (p. 226). O “detalhe” é a ilha de Paquetá, onde o autor viveu seu primeiro ano do exílio. Ali, nesta ilha paradisíaca próxima da “cidade mais bela do mundo” (p. 118), o autor procura analisar seu exílio e entender sua dor. Assim, *Mein Inselbuch* não é um livro de viagem, como livros anteriores. É uma viagem para dentro de si. Já no título é perceptível que o livro é uma escrita de si.

O livro mostra interessantes detalhes biográficos. É um olhar para seu destino de exilado, diante da Europa em guerra, tomada pelo poder nazista. A

<sup>22</sup> Talvez não seja falso interpretar a mudança do título do livro e a omissão da palavra “wir”, na edição de 1935, como um reconhecimento do autor da “direção errada” que tomaram os acontecimentos na Alemanha, desde a tomada do poder pelos nazistas. Em todos os casos, o primeiro título mostra um sentimento de superioridade do europeu perante a América do Sul. O segundo título ameniza tais associações negativas.

<sup>23</sup> A frase pode ser traduzida como “Este é o livro de uma viagem de volta à pátria” ou também “(...) de volta para casa”.

<sup>24</sup> A frase é parte de um poema intitulado “Auf dem Atlantik”. In: KATZ, Richard. *Zickzack durch Südamerika...* sem indicação de página.

<sup>25</sup> As capas dos quatro livros, publicados pela Rentsch Verlag, de Zurique, têm o mesmo desenho, somente mudam as cores.

<sup>26</sup> Talvez o tempo que demorou para publicar o livro tenha levado o autor a revê-lo e, assim, acentuar determinados posicionamentos e reverter outros.

narrativa, quando lembra da Europa, descrita como sua “geistige Heimat” (pátria espiritual) é carregada de subjetividade, nostalgia, saudades, dor, ressentimento, preocupações. A Europa é impregnada de afetividade e vivida no exílio como um “espaço nostálgico”.<sup>27</sup>

O livro também é uma forma de se contrapor ao nacional-socialismo. Como ele exerce sua crítica ao se referir à Alemanha e como ele muda sua visão sobre o mundo será nosso tema aqui.

Se no livro anteriormente analisado, o autor deixa alguns imigrantes criticarem o processo chamado de *verhiesigen*, também em relação à língua, neste livro acentua sua dedicação em aprender a língua portuguesa. O exílio e a incerteza sobre a duração de sua estadia no Brasil, fazem-no querer se aproximar da cultura e sociedade brasileiras.

A partir de descrição de temas, situações ou questões triviais vividas na ilha, Katz realiza pequenos desvios e, sem perder o fio da meada, adentra em questões de fundo, que o tocam diretamente tais como a guerra, o nazismo, o racismo, as diferenças culturais, entre outros assuntos. Um bom exemplo mostra o capítulo *Tradition*. O autor estranha o grande número de monumentos na pequena ilha. Um em especial, em memória aos índios tamoios, identificados no monumento como “nossos ancestrais”, o faz discorrer longa e criticamente sobre o desejo de uma raça ancestral e sobre a necessidade de invenção de tradições entre os povos. E assim ele constrói uma ponte para a então Alemanha: “[...] e os velhos tamoios aqui, que tem tão pouco a ver com essa ilha, assim como os velhos germanos tem a ver com Berlin ou Nürnberg...” (p. 79). Faz da descrição deste canto da ilha, portanto, um mote para advertir sobre os perigos do orgulho a uma suposta ancestralidade: “É tão terrível esse perigo, que não se pode advertir cedo o suficiente” (p. 82).

Portanto, rechaça todo tipo de orgulho nacional, seja o nacional-socialismo, o nacionalismo de Napoleão III, o nacionalismo dos integralistas no Brasil. Todo orgulho nacional poderia levar à bestialidade, lembra Katz, citando o velho Mommsen (p. 82/83). Por um lado, elogia Vargas por ter dado fim ao integralismo, “a revolução facista que queria introduzir um Tempo nazista no Brasil” (p. 95), por outro critica seu projeto de manutenção de uma suposta “raça pura brasileira” (p. 49). Também critica a legislação brasileira em vigor que só permitia o exercício de determinados ofícios, inclusive o de pescador e chauffeur, ou a compra de ações do Banco Central a quem fosse nascido no Brasil (p. 81).

Apesar da crítica contundente ao nazismo e às teorias raciais, Richard Katz também usa o termo raça, o que mostra a força dessas idéias naquele tempo. Para ele, “[...] toda raça tem o seu direito de vida” (p. 83). Ao descrever Roberto, seu criado de 12 anos, salienta seus traços indígenas e explica, a partir disto, o seu caráter – “quieto, ligeiro, astuto e não sem maldade” (p.51).

Ao apontar o equívoco de se confundir raça e povo, ridiculariza os nazistas ao considerarem os “meio eslavos prussianos”, germanos “puros”. A crença na raça, uma epidemia, segundo ele, não dependeria apenas da infecção para se alastrar, mas também da disposição de suas vítimas. Em diversos momentos da trama refere-se à questão da raça como um meio de advertir o leitor frente à arrogância racial. Junta sua voz a de outros autores por ele citados, como Roquette Pinto e Ivan Lins,<sup>28</sup> o que evidencia também seu contato com bibliografia brasileira (p. 83)

Até mesmo quando se refere a seu cachorro, remete-se ao tema raça e à absurdidade das teorias raciais e, nas entrelinhas, ao anti-semitismo. Seu cachorro, um vira-lata, depois de adotado e bem tratado, se transforma num cachorro “orgulhoso de sua raça” (p. 64). Aqui, e o desenvolvimento desta idéia se mostra em livros anteriores, Katz elabora a tese de que o meio ambiente e o tratamento é que fazem o ser, e não a raça, o que é transferida para os humanos: “Sem pátria, sem direitos, eles se degeneram” (p. 65) Assim Katz se solidariza com os escravos africanos e os judeus: “Não é a raça negra ou a judaica que é inferior, mas a escravidão e o gueto” (p. 66)

<sup>27</sup> Em suas reflexões sobre os processos de emigração e imigração, afirma o sociólogo Abdelmalek Sayad: “mudar de espaço (...) é descobrir e apreender simultaneamente que o espaço é, por definição, um ‘espaço nostálgico’, um lugar aberto a todas as nostalgias, isto é, carregado de afetividade”. SAYAD, Abdelmalek. O retorno. Elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia*, São Paulo, Ano XIII, n. especial, jan. 2000, p. 12.

<sup>28</sup> Seu ímpeto para a leitura bibliográfica e para conhecer o Brasil o levou a ser assíduo freqüentador da biblioteca nacional no Rio de Janeiro, como ele mesmo escreve em *Mein Inselbuch*.

Apesar de, neste livro, Katz não se referir a colônias e estabelecimentos de alemães ou descendentes, percebe-se uma mudança na forma como descreve alemães, em contraposição aos brasileiros. O elogio à diligência e à efetividade dos alemães no exterior, presente em *Zickzack durch Südamerika*, é substituído pela compreensão em relação à forma com que os brasileiros lidam com o tempo – tema e título de um dos capítulos do livro. A adaptação ao tempo brasileiro é, inclusive, considerada tão importante quanto a aprendizagem da língua portuguesa. O tempo alemão é comparado ao tempo do americano do Sul e do brasileiro, descrito simplesmente como “ein *anderes* [grifo do autor] Tempo” (um *outro* Tempo) (p. 92). Sob este tom relativizador, ainda comenta: “com o seu tempo o Brasil cria o que precisa” (p. 92). Demonstra inclusive preferir o trabalho feito com prazer, ao trabalho feito rapidamente: “[...] o tempo aqui não me chateia; é o tempo em que se canta” (p. 95). Apesar disso, acentua, não pôde se libertar de um “resto de pedantismo europeu” (p. 119), que o faz impaciente após muita espera.

Mais uma vez o autor, ao descrever o Brasil a partir da ilha de Paquetá, segura um espelho para o público-leitor alemão. Compara a forma de trabalhar do Hemisfério Sul com a do Hemisfério Norte – trabalho “rápido, rígido, racional” – associando a rigidez do homem do “Norte” à rigidez de seu trabalho (p. 94). Desta associação resulta outra, significativa se considerarmos os tempos então vividos na Europa: “Pessoas que ofegam de tanto trabalhar, também se tornam rígidas com o seu próximo” (p. 94). Mais uma vez o autor se refere, aqui indiretamente, às atrocidades nazistas. O capítulo é um meio do autor refletir também sobre seu destino. Descreve num momento a situação vivida ainda na Suíça e que o levou a compreender que seu *tempo* ali havia terminado e acentua o fato de ter partido a *tempo* da Europa.

Apesar das relativizações, as diferenças entre hemisfério Norte e Sul não são diluídas. A imagem do continente infantil, do novo continente, presente em *Zickzack durch Südamerika*, persiste. A juventude do continente explicaria, inclusive, o gosto pelo barulho (“*Lärmfreude Südamerikas*” - p. 39). Elementos da geografia explicariam o comportamento dos sul-americanos: “O clima da América do Sul precipita-se tão pouco como o povo; também o seu lema é o seguinte: ‘deogar se vai longe’” (p. 39).

Neste livro, os dois únicos alemães que encontra são ridicularizados. A cena hilária em que troca palavras rapidamente com o barão alemão, também residente na ilha, sob uma bicicleta em movimento - gordo, careca, mal vestido, quase nu, sempre estressado (o contrário da imagem de um nobre, portanto) – intenta representar o alemão que não se adaptou ao tempo brasileiro. Os tempos se contrapõem aqui: o barão apressado e o menino Roberto que olha a cena, perplexo, com uma vara de pescar na mão! Noutro capítulo, “Pessoas” – sugestivo se considerarmos a intenção de lidar com as ambigüidades do ser humano – Katz descreve um *Nazi*, “carpinteiro de profissão, espião por inclinação”, que também vivia em Paquetá. Este alemão, ridicularizado como o que usava as “calças mais curtas da ilha”, é a personificação das contradições da ideologia nazista: prega a proteção à “pureza racial” (*Rassenschutz*), mas mantém relações sexuais com uma negra do país (p. 224).

É necessário atentar que as situações, personagens e fatos descritos, muito embora num livro com cunho autobiográfico, não podem ser lidos como fiel descrição de seu cotidiano. Mas mesmo sendo fictícios, certamente foram escolhidas pelo autor, com o intuito de repassar sua mensagem ao leitor.

Neste livro, Katz realça seu vínculo afetivo com a Europa: “Mas eu sou europeu, também no Brasil, e meu coração está dividido entre a *Heimat* devastada e este país feliz” (p. 226). Expressa dor e preocupação com o destino de Praga, Locarno, Alemanha e Europa, mas de uma Europa que faz questão de identificar. Identifica-se “não com a Europa de Hitler e Stalin, mas a Europa de Goethe e Stendhal, Dostojewski e Rainer Maria Rilke. Pois esta é a *minha* [grifo do autor] *Heimat* e a ela pertenceu o meu amor” (p. 226). Declara seu amor à Europa da boa literatura, não à Europa “civilizada” que levou à guerra, ao extermínio, ao seu próprio exílio.

Em *Begegnungen in Rio*, escrito um ano depois, a Europa já é mencionada como sua *alte Heimat* (velha pátria) (p. 11). O Rio de Janeiro, que se torna seu novo lar, perde a aparência paradisíaca: “Com o passar do tempo [o Rio] tomou outro significado: o paraíso se perdeu por completo” (p. 7). O livro, entretanto, não tem a pretensão de ser uma imagem real e objetiva da cidade. O próprio autor descreve as dificuldades de se representar de forma objetiva um país estrangeiro: “É verdade que o viajante saiu de sua pátria, mas não de sua pele” (p. 79). Para lidar com este problema, mas não afastá-lo por completo, pois o autor reconhece a impossibilidade, aponta um caminho: “traduzir” o outro (p. 79). O papel que atribui à pena é o de traduzir o Brasil para o público-leitor alemão na Europa, com a consciência de que até mesmo as traduções introduzem elementos da cultura do tradutor. Podemos aproximar sua perspectiva a de um olhar antropológico que procura interpretar as culturas, muito embora sua análise não tivesse pressupostos científicos.<sup>29</sup>

*Begegnungen in Rio* traz elementos do cotidiano do Rio de Janeiro e de Teresópolis, onde morou o autor. Somente em dois capítulos, “Matapau” e “Das Bild”, refere-se a alemães, mas de uma forma muito significativa. “Matapau”, uma planta que sufoca árvores, é a metáfora para um conterrâneo com o qual o narrador fez amizade e negócios. Após ter reconhecido o caráter fraudulento de Adolfo Schaufel – e o nome parece ser sugestivo – só com a ajuda de um brasileiro consegue se livrar deste “parasita”. Trata-se não só de uma inversão dos estereótipos existentes em livros escritos por autores de língua alemã do período, nos quais o alemão é o honesto, o confiável, o que sofre com brasileiros aproveitadores. É exatamente a contra imagem do que na Alemanha nazista se propagava a respeito dos “arianos”.

Em “Das Bild”, Katz se refere de forma concreta a Hitler, ao Holocausto, à barbárie nazista. Através da descrição da amizade com um casal de alemães acusados de “artistas degenerados”, o narrador usa a arte moderna como meio para refletir sobre o regime odiado e mostrar seu próprio processo de mudança. Katz se compadece com o destino de Lenz, artista talentoso cuja ingenuidade não o fez compreender o perigo da arte que produzia e que no exílio se tornou opositor do nacional-socialismo. A amizade e o exílio fazem o narrador refletir sobre a compreensão equivocada que tinha a respeito da arte moderna e a compreender seu valor.

A obra de arte a que se refere o narrador é a personificação da Alemanha antes de Hitler, “uma grande Nação em desespero” (p. 209). Assim, das cores o autor chega à política; da arte moderna, ao nacional-socialismo. Refere-se à Alemanha, seja a partir do quadro, seja a partir da observação dos insetos. A partir da observação das formigas, origina-se um diálogo entre o narrador e o casal. Lenz lembra-se “de casa”: “Assim [grifo do autor] parece a Alemanha. Assim eles lá marcham, assim eles mordem, assim eles saqueiam. Só que a cigarra [que no diálogo canta de alegria] eles iriam assassinar...” (p. 226). No diálogo, a tentativa de compreender o Holocausto entra em discussão. Para o narrador, “O que vê de longe, vê mais claramente; o que toma parte, de forma mais nebulosa” (p. 227). Lenz o contradiz. Para ele, não seria possível compreender de longe, claramente, um campo de concentração. Ao final do diálogo, o narrador dá razão a Lenz. Ou seja, deixa entrever que não se pode entender o Holocausto a partir do exílio. Se em seus livros de viagem procurava entender a Europa “de fora”, esta perspectiva não serve para se entender o horror dos campos de concentração.

No livro de viagens *Seltsame Fahrten in Brasilien*, não há nenhuma referência aos alemães. Mas é notável que no primeiro relato, “Fahrt zu den Urchristen”, são imigrantes letos que criaram colônias prósperas. Ou seja, não somente alemães, como em *Zickzack durch Südamerika*. Em todos os livros escritos no exílio, o termo *Auslandsdeutsche* ou um vocabulário nacionalista não mais aparecem. Na obra *Auf dem Amazonas*,<sup>30</sup> o autor também não menciona alemães, talvez porque o livro tenha sido publicado depois do fim da guerra, em que a crítica ao governo nacional-socialista não se fazia mais necessária.

<sup>29</sup> Fato importante a registrar é a amizade estabelecida entre Richard Katz e o antropólogo brasileiro Arthur Ramos. Katz traduziu para o alemão seu livro *As culturas negras no Novo Mundo*, publicado em 1948 sob o título *Die Negerkulturen in der neuen Welt*. DEWULF, op. Cit., p. 54.

<sup>30</sup> O livro não se trata de viagem de aventuras rumo ao exótico, como a maioria da literatura sobre a Amazônia escrita por estrangeiros até então existente.

## Em busca da “Heimat perdida”

Longas referências aos alemães aparecem novamente apenas em duas histórias inseridas em *Wandernde Welt*<sup>31</sup>. A história “Die Krähe” (A gralha) se desenrola em 1949 e trata do desenraizamento (tanto o espacial, como o espiritual) e da *Vergangenheitsbewältigung*<sup>32</sup>. A história “Der Jaguar” (A onça) se desenrola também após a guerra, mas no Brasil, e trata da imigração europeia.

Central na história “Die Krähe” é a busca frustrada da *Heimat* e o confronto com a situação política contemporânea da Europa. A história não descreve um feliz reencontro com a Europa lembrada no exílio, mas um confronto com a Europa destruída pela guerra e dividida em dois blocos. Katz transforma sua viagem à Europa numa história e, para tanto, coloca em cena três personagens: ele (o narrador), a gralha (uma senhora norte-americana) e um jovem da Estônia.

Já no início da história o narrador define sua idéia de *Heimat*:

[...] Eu não tinha saudade do lugar em que eu nasci e cresci: pois este lugar se chama Praga [grifo do autor] – e a Praga de minha juventude não existe mais... A Primeira Guerra Mundial está no meio... e a independência da Tchecoslováquia... o “Protetorado”... a Segunda Guerra Mundial... a ocupação russa... o comunismo. [...] Do que eu tinha saudade era a Europa, da qual Praga um dia também fez parte.

Sim, eu tinha saudade do espírito europeu no qual eu cresci e que [...] me parecia tão natural. (p. 122-123)

Sobretudo dois pontos de vista do autor são fundamentais. Primeiro, a Praga de sua juventude, em que também existia um espaço cultural e lingüístico alemão, não existe mais. Ele expressa uma ligação maior com uma cultura europeia do que com um determinado espaço geográfico. Segundo, seu anti-comunismo é tão forte que a Praga comunista não pertence mais à sua Europa.

A Europa atual que ele procura entender, é a Europa dividida entre o capitalismo norte-americano e o comunismo soviético. Nesta Europa existiria ainda somente alguns “enclaves de um espírito europeu não danificado” (p. 123).

Sua crítica ao comunismo mostra-se muito claramente nesta história, como é freqüente em quase toda sua obra. O jovem báltico é a personificação da vítima do comunismo e, assim como Katz, é o desenraizado em busca de sua *Heimat*. Mas na passagem sobre Pompéia, essa problemática se desdobra noutro ponto de vista, o qual mostra uma transformação de seu pensamento e de sua identidade. Ali encontra tchecos, como ele, de Praga, “três jovens [...] Trabalhadores – fugindo do comunismo” (p. 155), com os quais consegue se comunicar em tcheco: “Para minha própria surpresa, minha resposta fluiu facilmente” (p. 153). Em sua juventude “perdida” ele se sentia, como alemão, separado dos tchecos.<sup>33</sup> Agora, contudo, sente-se, de repente, conterrâneo daqueles tchecos que fugiam do comunismo.

Katz não é somente anti-comunista. A gralha é a personificação dos aspectos negativos do capitalismo norte-americano (a esperteza, a ganância, o consumismo), do qual Katz há tempo era crítico.<sup>34</sup> Mas, pelo menos esse sistema não o fazia temer pela vida, como Katz mesmo havia vivenciado em Viena e, assim, era algo mais aceitável: “well, well... esta é a Europa... Eu gostaria que fosse diferente... Eu gostaria que fosse como eu havia sonhado... Eu gostaria - eu gostaria - mas o que é afinal o querer?” (p. 227). Resignado, o narrador expressa impotência frente aos processos históricos.

A história é descrita em forma de relato de viagem, o qual é apenas a moldura para expressar sua crítica à situação com a qual se confronta na Europa. Desta maneira, novamente ele segura um espelho para os europeus. Mas, desta vez, o objeto do relato é a própria Europa, descrita de forma mais distanciada e crítica por um europeu “transplantado”, um meio-estrangeiro marcado por nove anos de exílio.

<sup>31</sup> O título do livro se refere a um verso do poema *Wanderlied*, de Justinus Kerner, utilizado como epígrafe, o qual também trata da emigração.

<sup>32</sup> Por *Vergangenheitsbewältigung* entende-se as diversas formas de se lidar politicamente com o passado nacional-socialista e com as conseqüências catastróficas do nazismo depois da Segunda Guerra Mundial. Cfe. WEBER, Jürgen. *Vergangenheitsbewältigung*. In: BENZ, Wolfgang (Org.) *Legenden, Lügen, Vorurteile*. Ein Wörterbuch zur Zeitgeschichte. 7. ed. München: DTV, 1995, p. 196.

<sup>33</sup> O boné vermelho da *Studentenverbindung Saxonia*, uma confraria estudantil alemã em Praga, da qual Katz foi membro, foi motivo de escárnio por parte de estudantes tchecos. p. 123.

<sup>34</sup> Também em *Zickzack durch Südamerika* percebe-se uma forte crítica ao sistema capitalista norte-americano, elemento que ressurgiu no livro *Drei Gesichter Luzifers*.

Entre os inúmeros aspectos trabalhados nesta estória, interessa-nos a sua interpretação sobre a *Vergangenheitsbewältigung*. Já no item sobre a Suíça, escreve sobre esta problemática. Ali os antigos simpatizantes do nazismo, na maioria da classe alta, se afirmam novamente democratas e negam o passado. Ao contrário disso, o povo simples teria se mantido democrata e, desta forma, inflexível: “Minha faxineira era uma rocha de atitude democrática, assim como o pedreiro, o jardineiro, o agricultor. Meu banqueiro, contudo [...]” (p.166).

A lida com a problemática intensifica-se ao tratar da Áustria e da Alemanha: “Raramente, na história, culpa e penitência encontram-se tão próximas [...] Como eu tinha assistido ao começo [do Nazismo] na Europa, eu voei para Viena” (p. 167). Viena, mergulhada no nacional-socialismo, agora é o “microcosmos da política mundial” (p. 170). Segundo o narrador, “em nenhum lugar governam três [grifo meu] potências de uma maneira tão próxima” (p. 170). Já de início, o narrador destaca criticamente a “elasticidade com a qual os vienenses mudaram sua opinião em relação à Alemanha” (p. 167). “Hitler [...] Mas ele era austríaco - mesmo se eles não quisessem mais admitir” (p. 171)

Na Alemanha, encontra não somente cidades em ruínas, mas “pessoas arruinadas” preocupadas somente consigo, com o presente individual; o pobre, com as necessidades imediatas, o rico com a melhor forma de evitar os impostos. Isso esclarece, segundo o narrador, a incapacidade dos alemães em considerar o próximo: “Tentar compreender o pensamento do outro nunca foi o forte dos alemães.” (p. 197). E assim ele também mostra porque eles se defrontam, “perplexos”, com a *Schuldfrage*” (problema da culpa): “eles simplesmente não conseguem [grifo do autor] se colocar no lugar [das pessoas] de Coventry<sup>35</sup>... nem de Rotterdam, nem de Lidice e muito menos de Auschwitz” (p. 198).

Isso é afirmado, no estilo de Katz, através de um fato trivial, as inúmeras regras, taxas e cartazes de advertência presentes numa piscina pública: “... não nos responsabilizamos por’, ‘Sem garantia...’, ‘... não respondemos por’, ‘... não garantimos’, ‘... sob responsabilidade própria’ - tantas locuções e somente *um* [grifo do autor] propósito: recusar a responsabilidade”. E conclui: “Quem espera que a Alemanha se sinta responsável pelos nazistas, pense nesses cartazes!” (p. 203).

No mesmo tom, ele escreve sobre a incapacidade dos alemães entenderem a relação entre sua obediência, sempre considerada sua “especial virtude”, a guerra e o Holocausto. Esta “virtude”, critica Katz, também era útil aos Aliados que não teriam captado a dificuldade dos alemães em compreender os outros.

A crítica não poupa também os democratas: “O alemão foi agora tão maltratado [por causa da derrota] que só consegue ainda pensar em si próprio. Mesmo o alemão democrata” (p. 198). Já quando discorria sobre a Itália, havia imputado aos democratas parte da culpa pela ascensão da ditadura. Neste momento ele explica que depois das ditaduras “o campo da política permaneceu por longo período estéril. Democracias que se formam nas ruínas de ditaduras dependem de anciãos, cuja incapacidade já é comprovada pelo fato de não terem evitado a ditadura.”

A viagem à Europa significou um acerto de contas consigo mesmo. Este confronto com sua *Heimat* provoca uma mudança na expressão de identificações. Ao invés de expressar um pertencimento ao povo alemão, como em 1931, agora se exclui desse “povo ordeiro, metódico, inteligente”: “um povo, pelo qual eu tinha, do fundo do coração, uma queda, no momento em que queimou meus livros e teria com prazer me assassinado na câmara de gás” (p. 200). Mas a forma como escreve sobre a Alemanha depois da reforma monetária, mostra que ele ainda tinha uma fraqueza pelo país: “München é a metrópole alemã que melhor se encontra – e ela já me deixou melancólico. Quando caminhei pelos campos de ruínas desconsoláveis... tive medo de rever Frankfurt e Berlin ainda mais mutiladas” (p. 208) Estranhamente Katz, em nenhum momento, faz nenhuma referência ao processo de divisão da Alemanha.

<sup>35</sup> O bombardeio de Coventry (Inglaterra), em 1940, pela *Luftwaffe* alemã, é considerado o início do terror dos bombardeios contra avós civis.

A nostalgia em relação à Europa, alimentada no exílio, é substituída pela dor da perda, perda de um tempo, de um espírito, de um lugar. A nostalgia dá lugar à frustração, à melancolia, à sensação de que ali não é mais seu lugar. Assim se despede da Europa, rumo de volta ao Brasil: “Adieu, Europa! Amanhã parte meu avião. Quase me alegro por isso. Isso que eu havia sentido *tanta* [grifo do autor] saudade da Europa” (p. 227).

É significativo apontar que se esta estória termina com a despedida da Europa, a seguinte, *Der Jaguar - Schicksal von Auswanderern* (A onça - Destino de emigrantes), se inicia com a chegada de imigrantes europeus no Brasil após a Segunda Guerra Mundial. Pode-se perceber aqui uma relação com o próprio destino do autor, que finalmente “deixou” a Europa e, somente agora, “chega” no Brasil.

Nesta estória, Katz novamente utiliza personagens e situações para expressar suas idéias: o professor alemão, H. Petersen, chamado de Jaguar; sua esposa Inge; o português Amaral; o detetive de polícia brasileiro e o próprio Katz como narrador. Com esses personagens, o autor problematiza a crença na superioridade da *Kultur* europeia e aborda a questão da “assimilação” dos alemães no Brasil. A estória também é um meio de discutir visões de mundo do pós-guerra.

Apesar de sua erudição e conhecimentos lingüísticos, o professor permanece estranho à mentalidade e à cultura brasileiras. Ao dar um enredo à problemática da “assimilação” do imigrante, o narrador se volta a um tema muito discutido pela antropologia brasileira nos anos 40, do qual mostra ter-se aproximado. Mas a sua discussão sobre a “assimilação” está atravessada também por outras questões, a derrota da Alemanha, a desnazificação na Europa e a crítica à idéia de uma superioridade europeia. Em diálogo entre o jaguar e o narrador, assim adverte o segundo: “A América não é a Europa [...] E a Europa não é mais como era.” (p. 252). O jaguar, entretanto, insiste na idéia da superioridade cultural da Europa, que mesmo envergonhada pelo nazismo e comunismo, continuaria a ser “a alma mater` da ciência e da cultura, a Universitas do espírito humano, numa palavra, a `Kultur`, em contraponto à mera `Zivilisation` do Mundo Novo” (p. 252-253). O Jaguar atualiza uma antiga diferenciação entre *Kultur* e *Zivilisation*, dois conceitos já antiquados para o autor, pelo que se deduz de sua fala. O conceito *Kultur* surgiu na Alemanha no século XVIII para referir um processo de cultivação e acabou se tornando um dos principais pilares do nacionalismo alemão no século XIX. O conceito *Zivilisation* foi utilizado na França e Inglaterra para expressar o orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente, mas compreenderia, para os alemães, uma mera aparência externa.<sup>36</sup>

Para o narrador, os tempos são outros e não devem dar margem à expressão de orgulhos nacionais, nem mesmo o orgulho em relação a uma *Kultur* europeia. O tempo vivido no exílio no Brasil, te-lo-ia ensinado a ser mais modesto que o personagem recém-chegado: “Um dia eu também tinha pensado com orgulho europeu. Tive que passar por uma experiência dolorosa para me tornar mais modesto.” (p. 253)

No mesmo diálogo, quando o Jaguar xinga a ganância sem freios do capitalismo, adverte o narrador: “Você espera que a América, ou também somente o Brasil, se adapte a você [grifo do autor]? Os vencedores aos perdedores? [...] [os brasileiros] são *diferentes* [grifo do autor] de nós, mas nem por isso piores” (p. 253). Através do diálogo, o autor não só problematiza a persistência de um sentimento de superioridade cultural, como pleiteia o respeito à diferença. Neste sentido, o Jaguar parece encorpar o jovem Katz, que assim menciona o seu próprio processo de aprendizado.

Se em *Zickzack durch Südamerika* o autor elogia os alemães que não se assimilaram e preservaram sua cultura, nesta estória, a assimilação, apesar de um processo doloroso - “Anpassen tut weh” - é vista como necessária para se dar bem ou mesmo sobreviver no Brasil.

A crítica ao sistema capitalista, também elemento da estória “Die Krähe”, é

<sup>36</sup> Sobre isto ver ELIAS, Norbert. *Os Alemães. A luta pelo poder a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de A. Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 119-122.

retomada no diálogo entre o narrador e o detetive da polícia. O Brasil, segundo o detetive repressor do comunismo, caminhava rumo à bancarrota por conta de capitalistas como Amaral. Este tipo ganancioso, sem escrúpulos e sem *Kultur*, em poucos anos tornou-se um dos maiores capitalistas, capaz de tudo conseguir, até mesmo a bela esposa do professor Petersen, ao final da estória. O detetive (anti-comunista!) lança mão do pensamento de Marx, apesar de não citá-lo, quando expressa a idéia de que o capitalismo criaria as bases para o comunismo. É interessante que, para o autor, não apenas a cultura alemã, mas também a européia seria a perdedora frente ao capitalismo norte-americano e ao comunismo.

O professor Petersen, o gigante loiro, descortês, ciumento, desajeitado, portador de um “habitus”<sup>37</sup> alemão (frio, honesto, correto e não maleável) é o contraponto de Amaral. O personagem, entretanto, não expressa especificamente um orgulho nacional, mas um orgulho da *Kultur* européia, sentimento que o narrador afirma ter abandonado.

Na estória, inicialmente, o professor parece um nazista. Até mesmo o narrador inicialmente o confunde. Ao longo da estória, entretanto, o professor revela-se vítima do nazismo. Seu personagem ganha simpatia e mesmo a compaixão do narrador, que previne desta forma mais uma vez contra a ilusão das primeiras impressões, uma constante em seus livros. Não é propriamente uma crítica aos valores prussianos, mas ao nazismo e também à idéia de uma superioridade cultural. O autor separa as coisas. No final do livro, este imigrante, ligado a um ideário europeu, é assassinado.

## Considerações finais

Como visto, ao longo da obra de Richard Katz houve uma mudança na percepção do mundo e de si e também na expressão de identificações. De um lado, temos a mudança de seu sentimento nacional. Em *Zickzack durch Südamerika*, ele se sentia pertencente aos alemães. Em seus livros escritos no exílio ele argumenta contra a barbárie nazista. A Segunda Guerra Mundial e o Holocausto o levam a não mais querer este pertencimento.

De outro lado, temos sua identificação com uma “cultura européia”. Mesmo que sempre acentue que uma cultura não seja melhor ou pior que outra, mas que há diferenças entre elas, a “cultura européia” sempre é valorizada, quase idealizada e ele se sente parte dela. Sua auto-reflexão, sobretudo a partir do contato com o modo de vida asiático, o nazismo e a conseqüente guerra e exílio, os levam a fortalecer a idéia que sua Europa estava em decadência. Já nos livros escritos nos anos 30 se refere a um “adormecimento da Europa”.<sup>38</sup> Depois, seu sentimento de superioridade, sempre latente, se dissipa. Jeroen Dewulf formula assim esta idéia: “É evidente para Katz que depois de duas guerras mundiais e um Holocausto, tornou-se impossível continuar se agarrando à idéia de uma superioridade de valores europeus”.<sup>39</sup>

Na Europa do pós-guerra, ele lamenta não mais encontrar sua “pátria espiritual”. Perdeu-a, assim como seu sentimento nacional, sem substituí-los. Também sua cidadania muda no curso de sua vida. Nascido na Praga do Império Austro-Húngaro, mais tarde obteve a cidadania alemã quando trabalhou na Alemanha. No Brasil, ganhou a cidadania brasileira. Provavelmente, por conta de suas experiências, essas formalidades e a perda da *Heimat*, tornaram-se menos importantes, pois encontrou uma solução pessoal para isto, como expressa em *Wandernde Welt*: “Eu não quero passaporte, eu não quero um Estado! [...] Eu não quero uma pátria – me basta um lar”.

<sup>37</sup> Norbert Elias significa o “habitus” como a “segunda natureza” ou o “saber social incorporado”, uma vez que entende que “os destinos de uma nação ao longo dos séculos vêm a ficar sedimentados no habitus de seus membros individuais”. ELIAS *apud* DUNNING, Eric; MENNELL, Stephen. Prefácio à edição inglesa. In: ELIAS, Op. Cit., p. 09.

<sup>38</sup> KATZ, Richard. *Heitere Tage mit braunen Menschen*. Berlin: Ullstein Verlag, 1930, p. 70.

<sup>39</sup> DEWULF, Jeroen. Op. Cit., p. 236.